

BOLETIM DE CONJUNTURA

97

preços de venda

carteira de encomendas

estudo dos negócios

2019

2º TRIMESTRE

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

No segundo trimestre, a conjuntura da indústria de calçado deu sinais de melhoria face ao passado recente, com mais empresas a considerarem o estado dos negócios bom do que o inverso. A apreciação que as empresas fazem da produção, da utilização da capacidade e da carteira de encomendas também melhorou. Em consonância, diminuíram as queixas relacionadas com a insuficiência de encomendas, nacionais e estrangeiras, mas aumentaram as relativas ao abastecimento em fatores de produção, nomeadamente recursos humanos e matérias-primas. No entanto, as empresas consideram que o estado dos negócios continua aquém do verificado um ano antes.

Embora as perspetivas macroeconómicas para os principais mercados do calçado português sejam pouco animadoras, as previsões dos inquiridos apontam para que o terceiro trimestre seja sensivelmente idêntico ao segundo: a produção, as encomendas e o emprego deverão estabilizar, enquanto os preços apresentarão uma ligeira tendência de crescimento. Globalmente, o estado dos negócios deverá ser suficiente. As condições climatéricas continuarão a ter um relevo entre as dificuldades enfrentadas pelo setor que não era habitual até há dois anos.

Publicação Trimestral editada pela



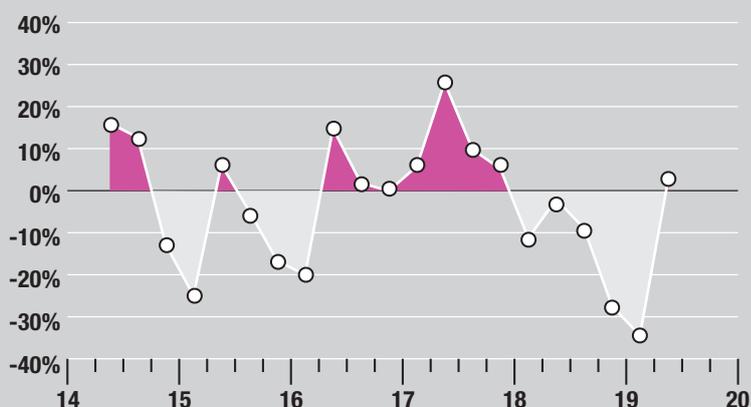
Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucédâneos

Com o apoio do programa COMPETE

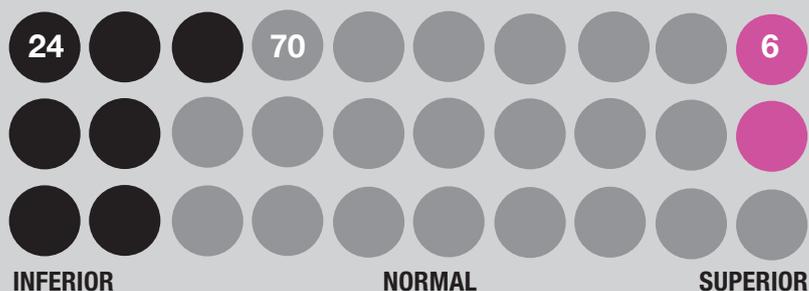
Coordenação Técnica
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Tal como as empresas previam, o segundo trimestre de 2019 assistiu a uma interrupção da tendência de quebra da produção da indústria portuguesa de calçado que se tinha registado nos trimestres anteriores: mais de metade das empresas inquiridas (52%) indicou que a sua produção estabilizou e, entre as restantes, as que registaram um aumento superaram as que sentiram uma diminuição, gerando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) de 2 pontos percentuais (p.p.).



Utilização da Capacidade



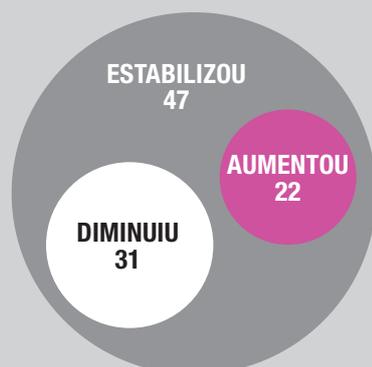
Mais de dois terços (70%) dos inquiridos consideram o nível de utilização da capacidade produtiva no segundo trimestre normal para a época do ano. Embora os que consideram que a utilização da capacidade esteve acima do normal continuem a ser substancialmente menos (s.r.e. -18 p.p.) do que os pensam o contrário, este saldo melhorou mais de 20 p.p. em relação ao trimestre anterior.

Carteira de Encomendas

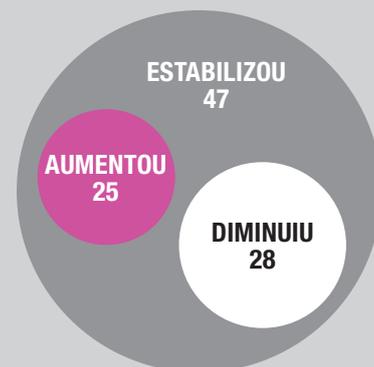
A apreciação da evolução das encomendas também melhorou, mas ficou aquém das previsões formuladas no trimestre anterior: 47% das empresas afirmam que a carteira global de encomendas permaneceu estável, mas as que dizem que diminuiu superaram em 9 pontos percentuais as que consideram que aumentou. Ainda assim, este resultado foi o mais favorável do último ano.

A carteira de encomendas do estrangeiro parece ter evoluído de forma ligeiramente mais favorável: embora a percentagem de inquiridos que afirmam que se manteve inalterada (47%) seja idêntica, o saldo de respostas extremas é menos negativo (-3 p.p.) e o mais favorável do último ano e meio. Não existe, no entanto, uma relação significativa entre a propensão exportadora das empresas e a evolução das suas encomendas.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



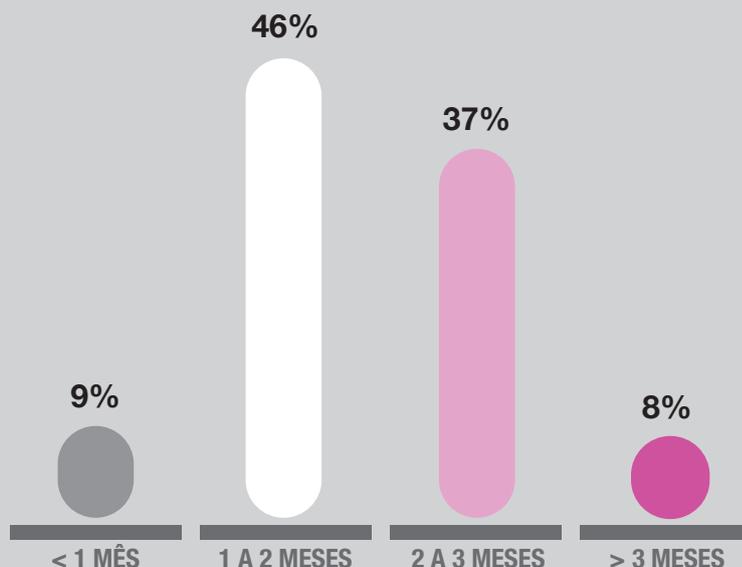
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

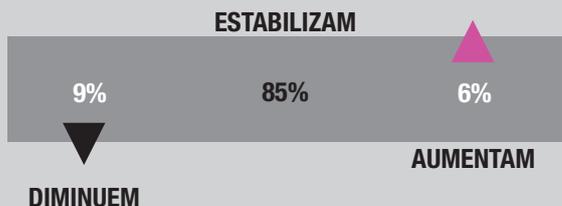
A evolução da carteira de encomendas foi no sentido de uma maior homogeneidade entre as empresas, tendo diminuído quer a percentagem das que dizem ter menos de um mês de produção garantida (para 9%), quer a das que afirmam ter mais de três meses (para 8%). Quase metade dos inquiridos (46%) afirma que a carteira de encomendas lhes garante a atividade para um a dois meses e mais de um terço (37%) durante dois a três meses. De assinalar que nenhuma das empresas com mais de 100 trabalhadores afirma ter encomendas para menos de um mês.



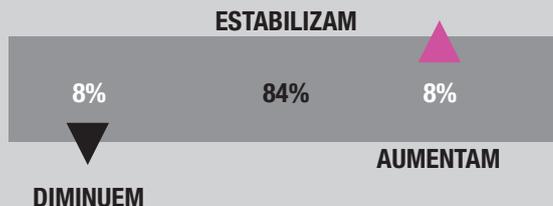
Preços

A larga maioria das empresas considera que, durante o segundo trimestre, os preços permaneceram inalterados, tanto no mercado português (85%) como nos mercados internacionais (84%). No entanto, tal como no trimestre anterior, o saldo de respostas extremas aponta em sentidos opostos: enquanto relativamente a Portugal as empresas que registaram uma subida dos preços são menos do que as que sentiram uma diminuição (s.r.e. -3 p.p.), nos mercados internacionais o saldo é nulo. Tanto num caso como no outro, as empresas de maior dimensão apontam para uma evolução mais favorável dos preços do que as mais pequenas.

EM PORTUGAL



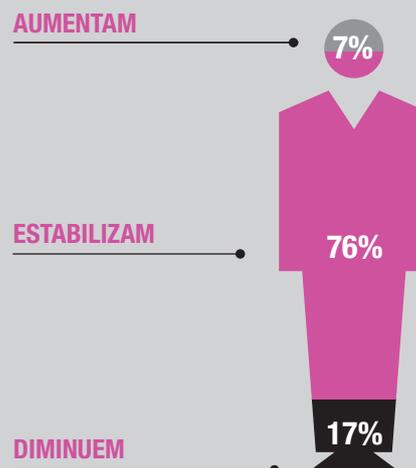
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

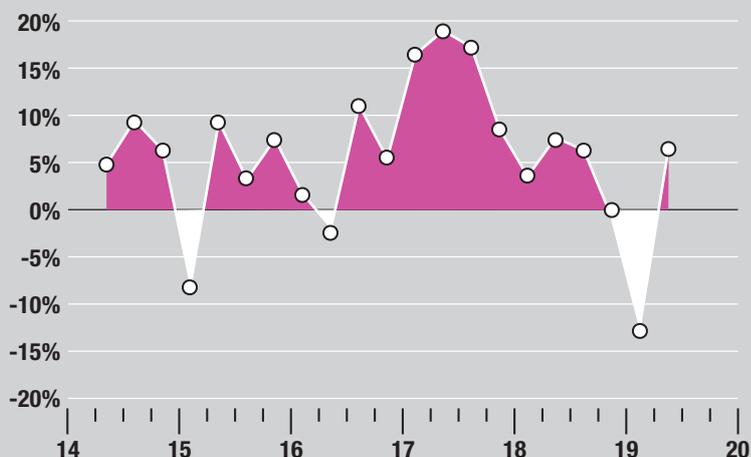
Mais de três quartos das empresas afirmam que, no último trimestre, o número de pessoas ao seu serviço não se alterou. No entanto, apesar dos sinais de recuperação patentes nas questões precedentes, o emprego na indústria continuou a ser penalizado pela evolução negativa da conjuntura nos trimestres anteriores: pelo sexto trimestre consecutivo, foram mais os inquiridos que reduziram o número de pessoas ao serviço do que os que o aumentaram (s.r.e. -10 p.p.)



Estado dos negócios

A recuperação da conjuntura reflete-se também na apreciação genérica das empresas sobre o estado dos negócios: depois do valor acentuadamente negativo registado no primeiro trimestre do ano, o saldo de respostas extremas recuperou agora quase 20 pontos percentuais, passando para +6 p.p., superando largamente as expectativas formuladas no final do trimestre anterior.

Esta recuperação não foi, no entanto, ainda suficiente para compensar a evolução negativa do passado recente: embora mais de metade das empresas diga que a situação é igual, as que consideram que o estado dos negócios no segundo trimestre de 2019 foi pior do que o registado no trimestre homólogo do ano anterior excedem em 13 p.p. as que pensam o contrário.



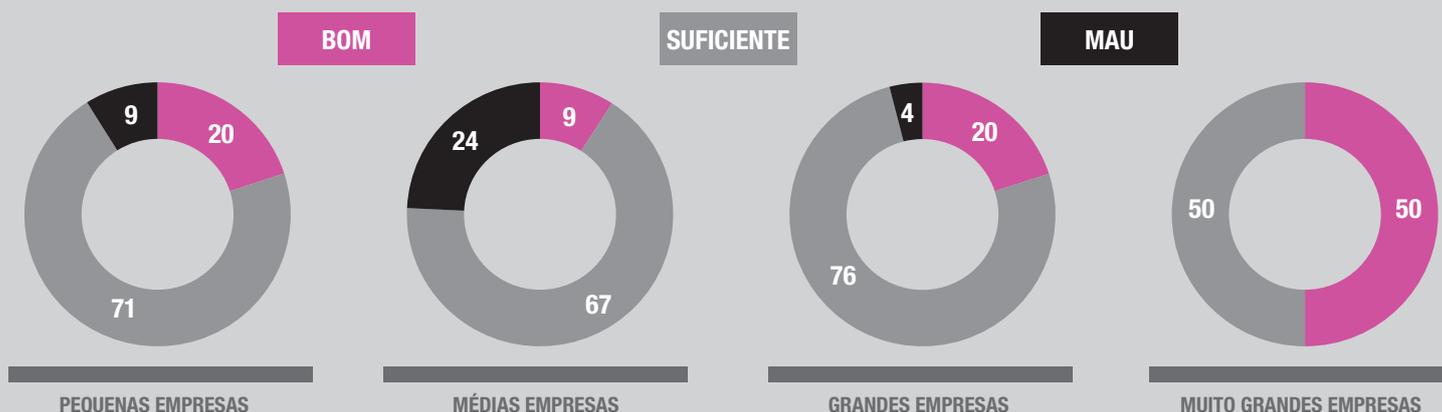
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

Esta opinião negativa sobre a comparação com o ano anterior é mais acentuada entre as empresas orientadas predominantemente para o mercado nacional, apesar de o estado dos negócios não apresentar uma relação linear com a orientação para os mercados internacionais. Embora não haja também uma relação clara com a

dimensão, as empresas de maior dimensão formulam tendencialmente uma apreciação mais favorável do estado dos negócios do que as mais pequenas, mas o mesmo não se passa quando este é avaliado por comparação com o ano anterior.



Limitações à produção

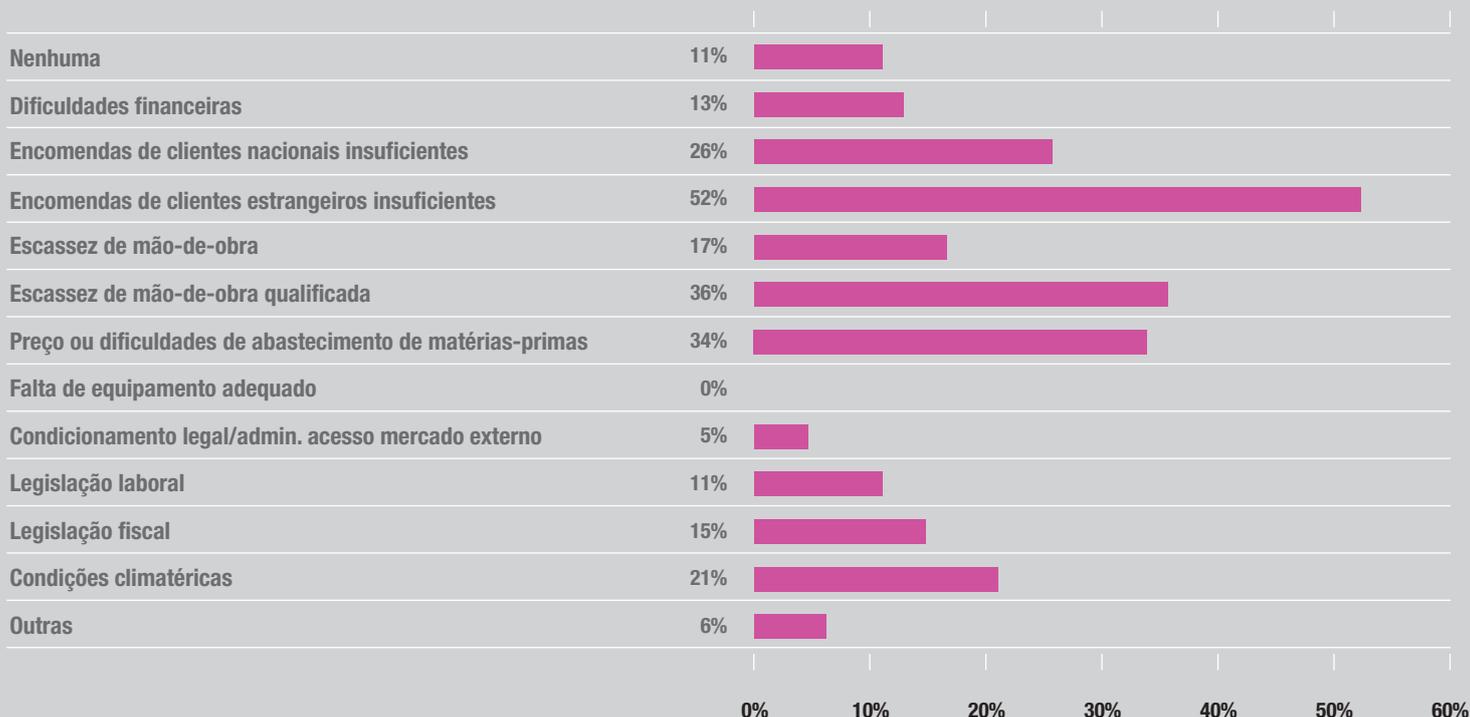
A evolução das principais limitações à produção é igualmente consistente com uma melhoria da conjuntura setorial, tendo diminuído as que se prendem com a debilidade da procura e aumentado as relacionadas com os fatores de produção.

No segundo trimestre, a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros foi mencionada por 52% dos inquiridos, valor que, apesar de bastante elevado, representa uma diminuição de 16 pontos percentuais em relação ao trimestre anterior. Por sua vez, as referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais diminuíram 7 pontos percentuais, para 26%, tendo caído para a quarta posição entre as principais dificuldades das empresas.

Em sentido contrário, aumentaram as referências a escassez de mão-de-obra, mencionada por 17% dos inquiridos, e especialmente a escassez de mão-de-obra qualificada, que atingiram 36%, ascendendo à segunda posição nesta listagem. Uma percentagem semelhante (34%) de empresas menciona dificuldades relacionadas com o preço ou abastecimento de matérias-primas.

As condições climatéricas, mencionadas por 21% dos inquiridos, continuam a suscitar as preocupações da indústria. Aumentou a insatisfação com a atuação do Estado nos dois aspetos mencionados no questionário: as referências à legislação fiscal aumentaram para 15%, o segundo valor mais elevado de sempre, e as relativas à legislação laboral para 11%. Ao contrário da maioria das restantes dificuldades, a legislação laboral preocupa sobretudo empresas com mais de 100 trabalhadores.

Apesar dos indícios de recuperação da conjuntura, os efeitos acumulados de vários trimestres pouco favoráveis refletem-se num novo aumento da percentagem de empresas que enfrentam dificuldades financeiras, que passou para 13%, o valor mais elevado dos últimos seis anos. As referências a este tipo de problema provêm exclusivamente de empresas com menos de 100 trabalhadores. Por sua vez, a percentagem de empresas que indicam não enfrentar nenhuma dificuldade continuou a diminuir, agora para 11%.



Tendências da produção

Os inquiridos acreditam que o nível de produção se manterá inalterado no 3º trimestre de 2019: a maioria das empresas (56%) assim o afirmam e as restantes repartem-se quase por igual entre as opções de aumento e diminuição (s.r.e. 0 p.p.). As expectativas são mais favoráveis entre as empresas

de menor dimensão: o saldo de respostas extremas é positivo para as pequenas e médias empresas mas negativo nas restantes. As empresas que se dedicam apenas à exportação mostram-se mais otimistas do que as restantes.

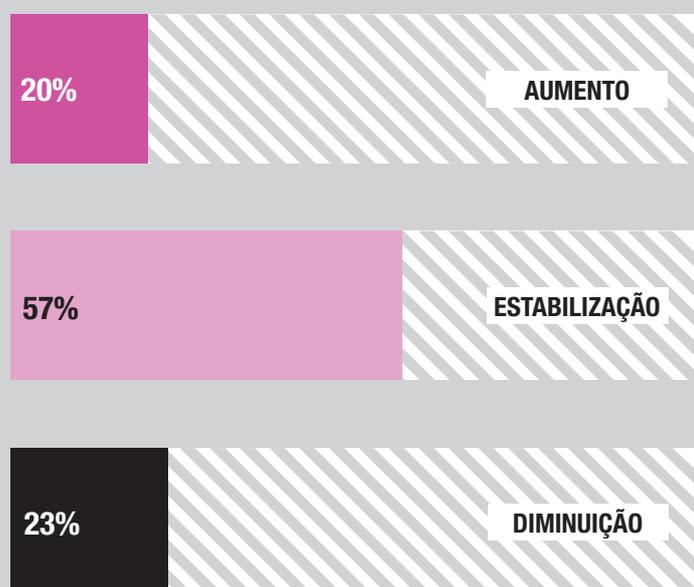


Perspectivas de encomendas

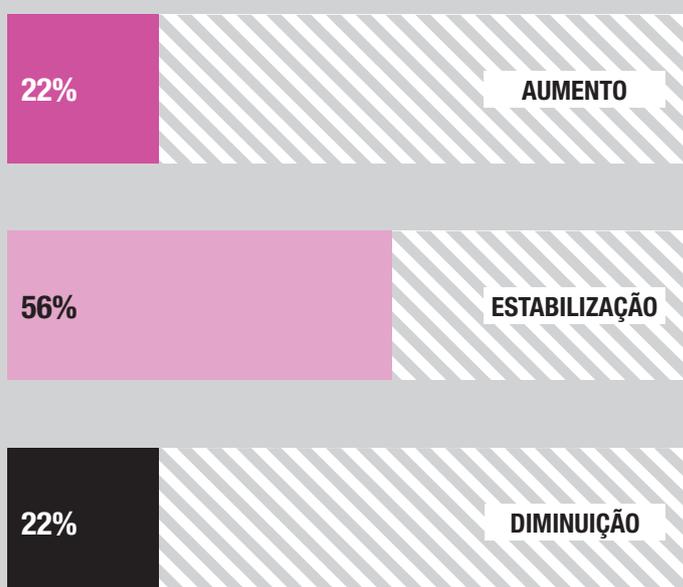
A maioria das empresas acredita também que a sua carteira global de encomendas (57%) e a carteira de encomendas do estrangeiro (56%) permanecerão estáveis. As respostas das restantes empresas sugerem que as perspetivas para os mercados externos são um pouco

melhores do que para o mercado nacional, uma vez que o saldo de respostas extremas é de -3 p.p. no caso deste e de 0 p.p. no daqueles. As perspetivas para as encomendas não apresentam, no entanto, nenhuma relação com a orientação de mercado ou a dimensão das empresas.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

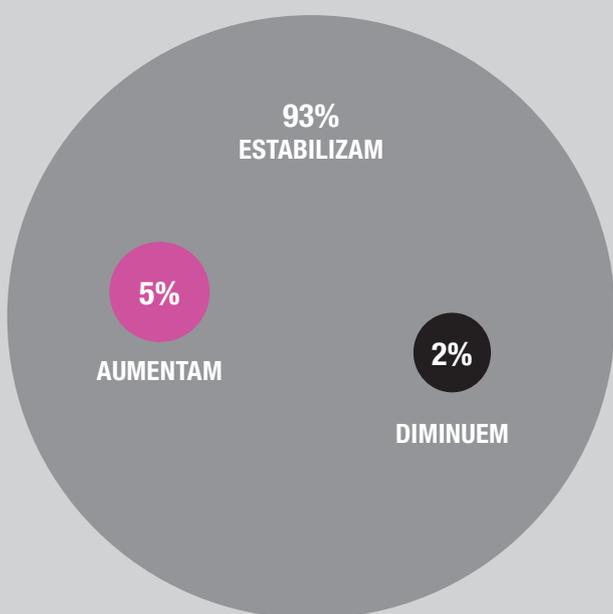


Perspetivas de preços de venda

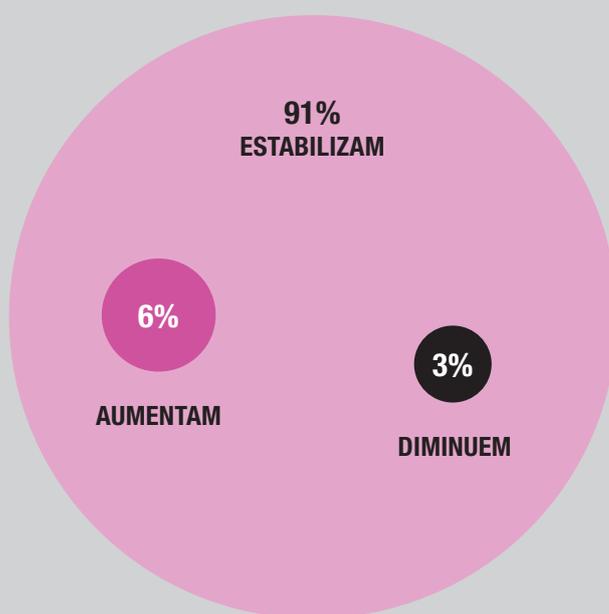
As perspetivas relativas à evolução dos preços no próximo trimestre são semelhantes para o mercado português e para os mercados internacionais: em ambos os casos, mais de 90% das empresas preveem que os preços vão permanecer estáveis mas as que acreditam que vão subir excedem as que pensam que vão descer

em 3 pontos percentuais. Contudo, enquanto nos mercados internacionais isto corresponde à continuação da tendência verificada ao longo dos últimos trimestres, no caso do mercado português é a primeira vez no último ano que este s.r.e. é positivo.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

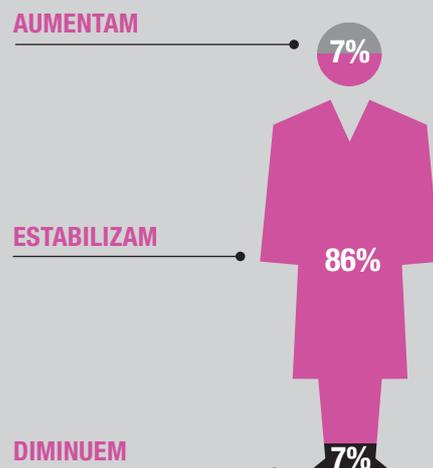


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



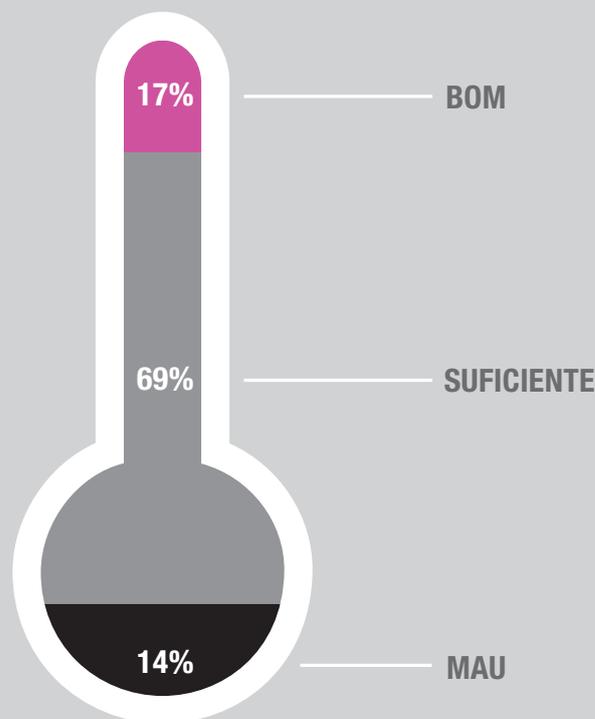
Perspetivas sobre o emprego

Como habitualmente, a larga maioria das empresas (86%) preveem não alterar o número de pessoas ao seu serviço durante o próximo trimestre. No entanto, há sinais de uma evolução favorável a nível do emprego, uma vez que o saldo de respostas extremas não é negativo pela primeira vez no último ano e meio. A evolução global do emprego na indústria poderá até ser positiva, uma vez que as empresas de maior dimensão formulam expectativas mais otimistas do que as restantes.



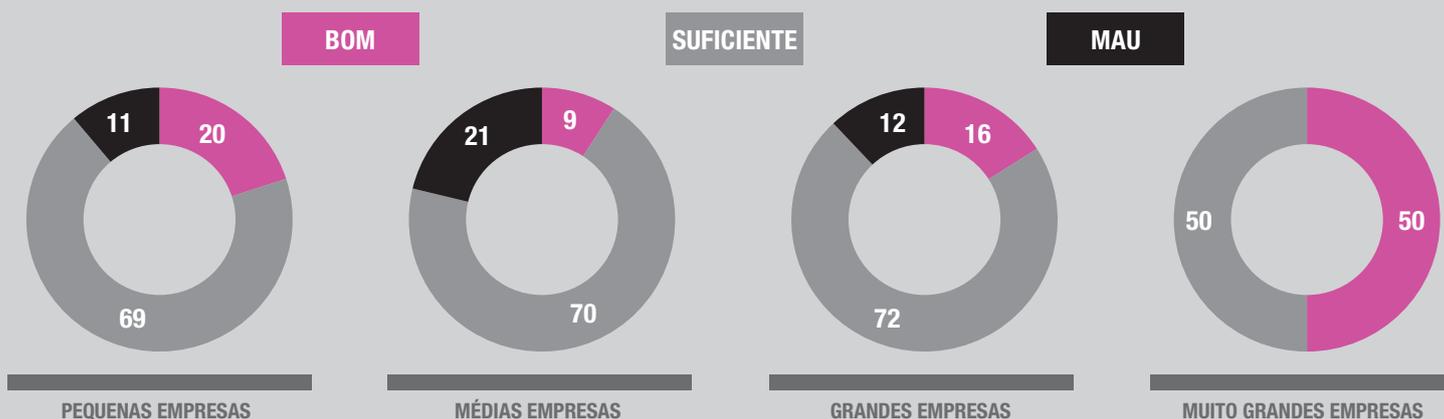
Perspetiva sobre o estado dos negócios

Também as perspetivas para o estado dos negócios voltam agora para terreno positivo, apresentando um saldo de respostas extremas de +3 p.p. Mais de dois terços dos inquiridos (69%) acreditam que o estado dos negócios no próximo trimestre será suficiente. No entanto, as empresas que julgam que o estado dos negócios no próximo trimestre será melhor do que o do trimestre homólogo do ano anterior continuam a ser menos do que as que pensam o inverso, gerando um s.r.e. de -12 p.p.



Apuramento dos resultados

As previsões para o estado dos negócios não apresentam uma relação linear nem com a dimensão nem com a orientação de mercado das empresas: em ambos os casos, são mais favoráveis entre as empresas de categorias extremas (as mais pequenas e as maiores, em termos de dimensão, e as que não exportam ou que exportam tudo o que produzem, em termos de orientação de mercado) do que entre as de categorias intermédias.

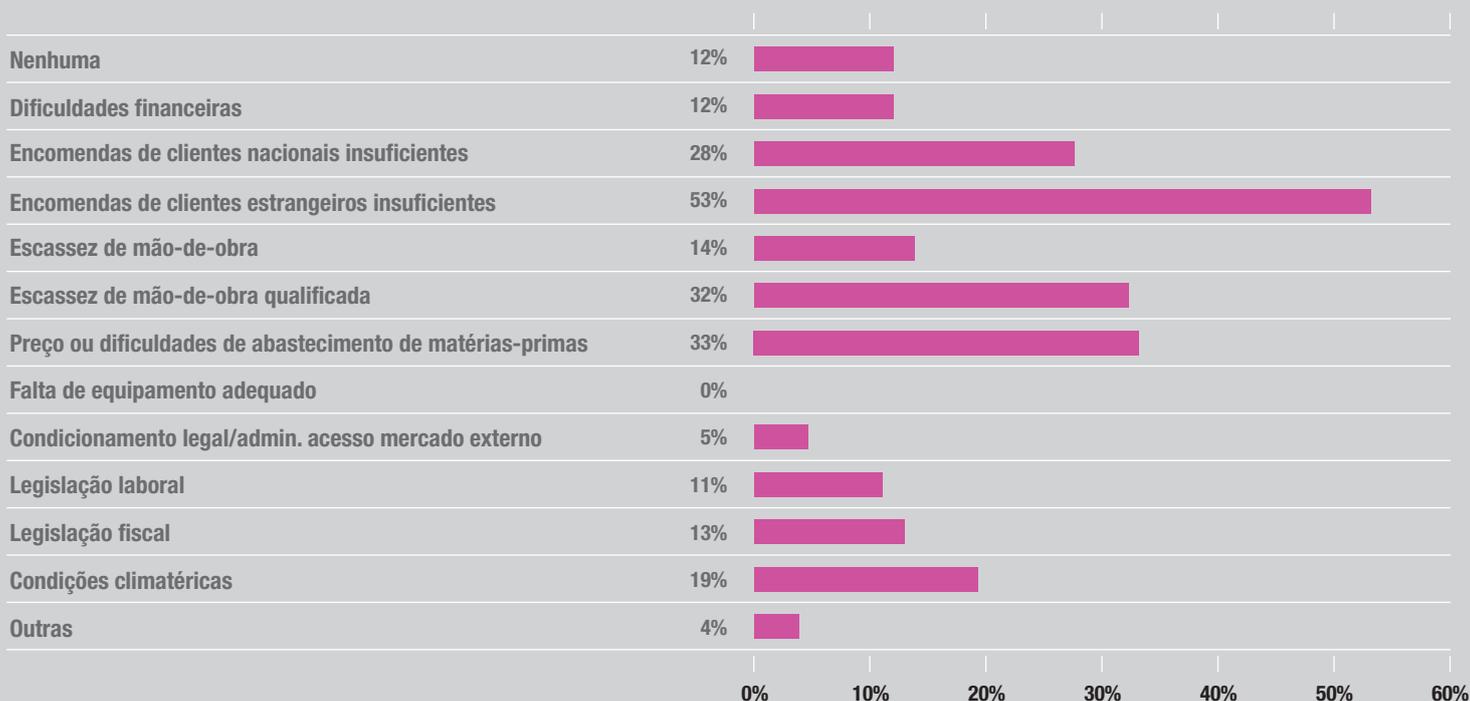


Limitações previstas

As empresas não esperam que o terceiro trimestre difira substancialmente do segundo quanto às limitações à sua atividade. As previsões de insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros e de clientes nacionais são apenas ligeiramente superiores à sua frequência no trimestre transato: passam de 52 para 53%, no primeiro caso, e de 26 para 28%, no segundo. Em contrapartida,

as previsões de limitações relacionadas com fatores de produção são ligeiramente inferiores às agora verificadas: 32% das empresas receiam debater-se com escassez de mão-de-obra qualificada (36% no trimestre passado), 14% com escassez de mão-de-obra (17%, antes) e 33% com problemas relacionados com o preço e abastecimento em matérias-primas (34%, antes).

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



Verificam-se também pequenas reduções nas referências a problemas decorrentes das condições climatéricas (de 21 para 19%), da legislação fiscal (de 15 para 13%) e de dificuldades financeiras (de 13 para 12%). Em sentido contrário, há um aumento mínimo na percentagem de empresas que acreditam que não irão enfrentar nenhuma limitação (de 11 para 12%).

Notas de Conjuntura

Em julho, o Fundo Monetário Internacional atualizou em as suas perspetivas para a economia internacional, reduzindo as suas previsões para o crescimento económico em 2019 e 2020 em 0.1 pontos percentuais face à anterior previsão, formulada em abril: o FMI prevê agora que o produto interno bruto mundial cresça 3,2% este ano e 3,5% no próximo. As previsões para a área euro são consideravelmente mais modestas: apenas 1,3% em 2019 e 1,6% em 2020. Para os principais mercados do calçado português, o FMI prevê taxas de crescimento, este ano, de 0,7%, 1,3% e 2,3%, na Alemanha, França e Espanha, respetivamente, e de 1,7%, 1,4% e 1,9% no próximo. Embora em abrandamento, o crescimento nos EUA deverá ser de 2,6%, em 2018, e 1,9%, em 2019, bastante mais forte do que nas principais economias europeias. Segundo o FMI:

“O crescimento global permanece moderado. Desde o World Economic Outlook (WEO) de abril, os EUA voltaram a aumentar as tarifas sobre certas importações da China e a China retaliou aumentando as tarifas sobre um subconjunto das importações dos EUA. Uma escalada adicional foi evitada na sequência da cimeira de junho do G20. As cadeias de abastecimento tecnológicas globais foram ameaçadas pela perspectiva de sanções americanas, continuou a incerteza relacionada com o Brexit e as crescentes tensões geopolíticas perturbaram os preços da energia.

(...) Os dados já conhecidos sobre o PIB deste ano, em conjunto com a inflação geralmente a abrandar, apontam para uma atividade global mais fraca do que esperado. O investimento e a procura por bens de consumo duradouros têm sido moderados tanto nas economias avançadas como emergentes porque as empresas e as famílias continuam a conter as despesas de longo prazo. Em consonância, o comércio global, que é intensivo em maquinaria e bens de consumo duradouros, permanece pouco dinâmico. A prevista aceleração do crescimento em 2020 é precária, pressupondo a estabilização em economias emergentes e em desenvolvimento atualmente sob stress e progressos na resolução de diferendos de política comercial. (...) Os riscos da previsão são essencialmente de sentido negativo.”*

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, julho 2019

Relativamente a Portugal, o FMI prevê um crescimento de 1,7% em 2019 e de apenas 1,5% em 2020, voltando assim a valores inferiores à média da área Euro. No mais recente relatório sobre o nosso país, também datado de julho, o FMI afirma nomeadamente:

“Depois de um forte desempenho em 2017, a atividade económica abrandou. A segunda metade de 2018 foi marcada por uma desaceleração, coincidindo com atividade económica mais débil na Europa. (...) A balança corrente tornou-se negativa em 2018 acompanhando uma deterioração na balança de bens e serviços. O crédito total ao setor privado não financeiro continuou a diminuir em 2018. No entanto, nos últimos 4 anos o sistema bancário português tem vindo a reforçar o seu balanço e desempenho.

Prevê-se que a economia desacelere mais no curto e médio prazo. Em 2019, prevê-se um crescimento do produto de 1,7%, abrandando subseqüentemente para o seu potencial estimado de médio prazo de 1,4%. (...) Como uma pequena economia aberta, Portugal sentiria diretamente as consequências negativas de um crescimento global abaixo do esperado e do crescente protecionismo. Fortes políticas internas mitigariam estes riscos externos. (...) As perspetivas de crescimento de médio prazo (...) são restringidas por um crescimento lento da produtividade, investimento insuficiente e tendências demográficas desfavoráveis.”

Fundo Monetário Internacional, Portugal: 2019 Article IV Consultation-Press Release; Staff Report; and Statement by the Executive Director for Portugal, julho 2019

As previsões de outras instituições para o crescimento da economia portuguesa são ligeiramente mais favoráveis do que as do FMI, sendo as mais altas do Ministério das Finanças, que aponta para 1,9% tanto em 2019 como em 2020.

P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S